

# Conhecendo a Dislexia



Renata Mousinho

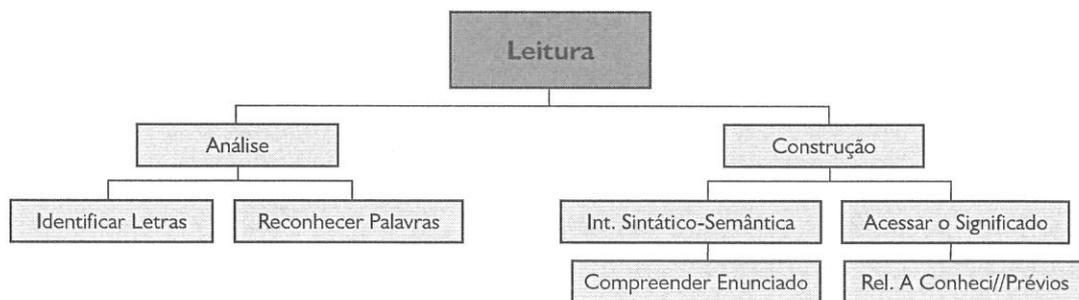
Professora da graduação em fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da UFRJ, doutora em lingüística/UFRJ

**P**or que alguns indivíduos inteligentes não conseguem ter sucesso acadêmico como a maioria de seus pares? Os motivos são diversos, até porque o processo ensino-aprendizagem é multifatorial. Entretanto, uma parte deles (e não TODOS) pode ter dislexia. Por isso é importante conhecer um pouco melhor este transtorno.

Podemos dizer que a dislexia é: um transtorno ESPECÍFICO de leitura; um funcionamento peculiar do cérebro para o processamento da linguagem; um déficit lingüístico, mais especificamente uma falta de habilidade no nível fonológico; uma dificuldade específica para aprendizagem da leitura bem como para reconhecer, soletrar e decodificar palavras. Podemos também excluir a presença de dificuldades visuais, auditivas, problemas emocionais, distúrbios neurológicos ou dificuldades socioeconômicas como origem do transtorno. Entretanto, para entender de fato o que é a dislexia, devemos nos aprofundar um pouco mais na especificidade da leitura.

A leitura é uma atividade complexa e não um processo natural. Portanto, é necessário compreendermos tudo o que é preciso para lermos bem.

De acordo com o esquema a seguir, podemos observar uma série de aspectos relacionados à leitura: por um lado as atividades de análise, incluindo identificação de letras (decodificação) e reconhecimento de palavras (acesso direto ao dicionário mental);



de outro, os processos de construção, que incluem integração sintático-semântica (construção frasal e significado), acesso ao significado (explícito e implícito), compreensão de enunciados (importante para todas as disciplinas e não só o português) e relação com conhecimentos prévios (que ancora a aprendizagem e permite a realização de inferências).

Certamente uma leitura baseada somente na análise será insuficiente: decodificador e leitor não são sinônimos. Sem a possibilidade de construir, o objetivo final da leitura, que é compreender, interpretar, estabelecer relações, realizar inferências, etc. fica prejudicado. Entretanto, as funções de identificar letras e reconhecer palavras são específicas da leitura, e, portanto, fundamentais para a mesma.

Da mesma forma, a leitura baseada apenas na construção pode trazer uma série de problemas, como adivinhação de palavras e pouca habilidade para manipulação dos elementos menores das palavras, o que pode deixar a leitura pouco econômica. Secundariamente, a interpretação pode ficar prejudicada, apesar de oralmente estas habilidades estarem íntegras. Cabe ressaltar que estas atividades de construção não são exclusivas da leitura, ou seja, devem estar presentes desde a língua oral.

É neste último caso que identificamos os problemas dos disléxicos. Eles têm alterações básicas que prejudicam as atividades de análise, fundamentais para a leitura, apesar de apresentarem muitas vezes facilidade nas tarefas de construção.

Para compreendermos melhor por onde passa este entrave na leitura, vamos observar um modelo genético, de Uta Frith,

1- ESCRIVA UM PARÁGRAFO  
EXPLICANDO A IMPORTÂNCIA DA  
EXPEDIÇÃO DE MAGALHÃES.



UMA MÁSCARA CONTRA GREX, UMA  
BRANCA DE TURÇA E UM  
HELICÓPTERO... É SO O QUE EU PIÇO.



Watterson, B. Felino,  
selvagem, psicopata,  
homicida. Cambucci:  
Best News, v. 1, 1996,  
p.57

através de estágios do desenvolvimento, e um modelo de processamento, proposto por Ellis e Young, já que ambos explicam mais claramente as dificuldades encontradas pelos disléxicos.

Uta Frith descreveu três estratégias, pelas quais todas as crianças passariam durante o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, tal qual está esquematizado nos próximos quadros.

### Estratégia Logográfica

Correspondência global da palavra escrita com o respectivo significado. Produção instantânea das palavras, apresentadas de acordo com suas características gráficas, sem possibilidade de análise.

**Exemplo:** COCA-COLA e BOLA - palavras memorizadas como se fossem fotografias; não há uma leitura propriamente dita.

### Estratégia Alfabética

Capacidade de segmentar a palavra em fonemas, o que demanda consciência fonológica.

Aplicação das regras de conversão fonema-grafema.

Escrita de palavras novas e inventadas.

Escrita com apoio na oralidade.

**Exemplo de decodificação seqüencial:** PATO e CAVALO – pode-se ler na ordem das letras, que não provoca alterações.

**Exemplo de decodificação hierárquica:** GIRAFÁ e CAMPO – é necessário prever qual o grafema que vem depois, para atribuir o valor sonoro à letra precedente. Caso contrário, a criança pode ler GUIRRAFA, pois normalmente o G possui esse som e o R, idem. Na escrita, por mais que conheça a regra, se a criança não puder prever o grafema que vem depois (P ou B ou outra consoante), colocará, aleatoriamente um M ou N.

### Estratégia Ortográfica

Já devemos ter experiência suficiente com a leitura para montarmos um dicionário visual das palavras (léxico).

Acesso visual direto à palavra.

Agiliza a leitura e atinge o significado mais rapidamente.

Permite escrita de palavras irregulares.

Uso de analogias lexicais de palavras conhecidas para escrever novas palavras.

**Exemplos:** TÁXI e EXERCÍCIO – só é possível ler corretamente se já estiver no léxico. Caso contrário, o X pode ser lido com o mesmo som de caíXa.

SINTO e CINTO – para se escreverem corretamente, os dois já devem fazer parte do léxico que, como todo dicionário, possui o significado de cada um.

O disléxico apresentaria uma dificuldade mais importante na estratégia alfabética. Alguns teriam dificuldade de chegar a esta fase, ficando presos a uma leitura do tipo logográfica. Outros utilizariam a estratégia alfabética, mas com muita dificuldade, sob muito esforço. Por este motivo, leriam menos, apresentando, então, um dicionário mental (ou léxico) com um número reduzido de palavras. Conseqüentemente, a estratégia ortográfica ficaria prejudicada. Para observar tais aspectos, deve ser considerado o processo natural de aprendizagem da leitura e escrita.

Em relação ao processamento de leitura, Ellis e Young referem a existência de 2 vias de acesso: a rota fonológica e a rota lexical. As alterações nestas rotas indicariam o tipo de dislexia (fonológica ou lexical).

#### • Rota Fonológica

Leitura em voz alta e escrita sob ditado; implica no processamento fonológico através de informações baseadas na estrutura fonológica da língua oral. Decodificação de estímulos gráficos. Para compreender, deve-se ouvir.

#### • Léxico Mental

Identificação direta da palavra com acesso direto ao significado; arquivos que armazenam informações acústico/ortográficas, semânticas e fonológicas.

Atualmente, muito se tem estudado sobre as características dos disléxicos e quanto à natureza da dislexia. A hipótese do Distúrbio do Processamento Temporal tem sido uma das mais discutidas, e envolve as funções de percepção, nomeação, repetição, armazenamento, recuperação e acesso à informação. São basicamente três os tipos de processamento temporal, descritos por Torgensen, Wagner e Rashote, relacionados à leitura e escrita:

#### RAPIDEZ E PRECISÃO NO ACESSO AO LÉXICO MENTAL

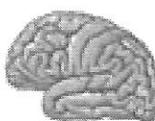
associado à capacidade de nomeação, à informação fonológica e à fluência verbal. Pode-se ter o vocabulário e o inventário de sons, mas não basta. Deve-se poder acessá-los rapidamente, à medida que surge a necessidade.

#### MEMÓRIA DE TRABALHO FONOLÓGICA

Memória na qual armazenamos temporariamente informações que serão úteis e depois descartadas – no caso da fonológica, refere-se mais especificamente à retenção dos sons para recuperação consecutiva.

#### CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

Capacidade de segmentar a fala em unidades menores como rimas, sílabas e fonemas, por exemplo, podendo manipulá-las. Desta forma, há a possibilidade de se refletir sobre a própria língua.



Daí se originaria o Distúrbio Fonológico descrito por Share, diretamente relacionado aos déficits encontrados nos disléxicos. Retomando, neste momento, a abordagem mais direta da dislexia, alguns pontos merecem ser lembrados:

- É uma dificuldade de leitura, que traz prejuízos a todas as atividades que dela dependem.
- Vem acompanhada de déficits na escrita (diferentes graus).
- Vai do grau leve ao severo.
- É mais freqüente em meninos do que meninas.
- Decorrente de uma possível disfunção cerebral.
- É um transtorno que ocorre mundialmente.

A literatura costumava, há alguns anos, dizer que não era possível dar diagnóstico de dislexia a crianças antes da segunda série do ensino fundamental. Sem a menor sombra de dúvida, deve-se considerar o processo de alfabetização que, aliás, não termina nesta série. Entretanto, não há como compreender a criança sem a sua história: uma criança de segunda série que fez ensino infantil e aprendeu a ler formalmente em uma classe de

alfabetização não pode ser comparada a uma criança cujo meio não estimulou a leitura, que entrou na escola na primeira série do ensino fundamental, quando só então se deu início a todo o processo. O importante é verificar se a defasagem em relação aos indivíduos com as mesmas oportunidades supera um atraso simples de leitura, e se o perfil de avaliação é compatível com o quadro.

Além disso, há uma série de indicadores precoces que, se desconsiderados, podem tirar a melhor possibilidade de abordagem que temos em mãos: a prevenção. Nas próximas linhas, além destes indicadores, serão dispostos em quadros as dificuldades básicas apresentadas por disléxicos, os desdobramentos das mesmas com o avançar da escolaridade, as alterações na escrita e, em contrapartida, as habilidades que eles costumam apresentar.

### **Indicadores**

Possibilidade de atraso de linguagem.  
Dificuldade em nomeação.  
Dificuldade na aprendizagem de música com rimas.  
Palavras pronunciadas incorretamente; persistência de fala infantilizada.  
Dificuldade em aprender e se lembrar dos nomes das letras.  
Falha em entender que palavras podem ser divididas (sílabas e sons).  
Dificuldade de alfabetização.

### **Dificuldades básicas**

Dificuldade de alfabetização.  
Leitura sob esforço.  
Leitura oral entrecortada, com pouca entonação.  
Tropeços na leitura de palavras longas e não familiares.  
Adivinhações de palavras.  
Necessidade do uso do contexto para entender o que está sendo lido.

### **Desdobramentos com o avançar da escolaridade**

Leitura lenta, não automatizada.

Dificuldade em ler legendas.

Falta de compreensão do enunciado prejudicando outras disciplinas.

Substituição de palavras no mesmo campo semântico (Ex: mosca/abelha).

Substituição de palavras por aproximação lexical atrapalhando a interpretação geral (Ex: na solicitação de trabalho de geografia sobre os ESCRAVOS, o adolescente faz um sobre os ESCRAVOS).

Dificuldade para aprender outros idiomas.

### **Alterações na escrita**

Omissões, trocas, inversões de grafemas – (surdo/sonoro: p/b,t/d, K/g, f/v, s/z, x/j); em sílabas complexas: paria ao invés de praia, trita ao invés de trinta) e outros desvios fonológicos.

Dificuldade na expressão através da escrita.

Dificuldades na concordância (sem que apresente oralmente)

Dificuldade na organização e elaboração de textos escritos.

Dificuldades em escrever palavras irregulares (sem correspondência direta entre grafema e fonema – “dificuldades ortográficas”).

### **Habilidades**

Excelente compreensão para histórias contadas.

Habilidade para gravar por imagens.

Criatividade; Imaginação.

Facilidade com raciocínio.

Boa performance em outras áreas, quando não dependem da leitura, tais como: matemática, computação, artes, biologia.

Apesar de termos visto que a dislexia não é causada por fatores ambientais, o seu futuro depende de forma imprescindível do meio. Portanto, uma educação que reconheça as dificuldades específicas destes alunos muito poderá contribuir para o seu desenvolvimento. Associadas a um tratamento interdisciplinar (às vezes é necessário fazer uma eleição terapêutica, ou seja, priori-

zar um tratamento em um dado momento), a escola e a família exercem um papel fundamental para que a dislexia não se torne mais um fator de impedimento no crescimento acadêmico. O professor é indispensável neste caminho, identificando, em um primeiro momento, e podendo compreender e auxiliar essas crianças e jovens em seu processo educativo.

Watterson, B. Felino, selvagem, psicopata, homicida. Cambucci: Best News, v.2, 1996, p.9



#### BIBLIOGRAFIA

- Capovilla, A. & Capovilla, F. Problemas de Leitura e Escrita. São Paulo: Memnon, 2002.
- Ciasca, S. (org.) Distúrbios de Aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- Ellis, A. Leitura, Escrita e Dislexia. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- Frith, U. Beneath the Surface of Developmental Dyslexia. In: Patterson, K., Coltheart, M., Marshall, J.C. Surface dyslexia. Hillsdale: Lawrence Erlbaum associates, 1985.
- Morais, J. A Arte de Ler. São Paulo: Unesp, 1994.
- Mousinho, R. Desenvolvimento da Leitura, Escrita e seus Transtornos. In: Goldfeld, M. Fundamentos em Fonoaudiologia - Linguagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003 - 2ª edição, 39-59.
- Pinheiro, A. Leitura e Escrita: uma abordagem cognitiva. Campinas, São Paulo: Editorial Psy II, 1994.
- Santos, M.T.; Navas, A.L.G.P. Distúrbios de leitura e escrita – Teoria e Prática. Barueri – S.P.: Manole:2000.
- Share, D. Phonological Recoding and self-teaching: sine qua non of reading acquisition. Cognition, v. 55, n.2, 1995, 151-218.
- Time. Overcoming Dyslexia – what new brain science reveals – and what parents can do. Setembro 8, 2003, 43-530.
- Torgensen, J, Wagner, R. e Rashote, C. Longitudinal Studies of Phonological Processing and reading. Journal of Learning Disabilities. V.27, 1994, 276-286.